

O PENTA



Transportando cultura

REDADORES: PAULO ROBERTO E JOSÉ BRANDÃO DESENHOS: RILDO BRASIL.

UM VEÍCULO DA CASA DA CULTURA
PREFEITURA MUNICIPAL DE MARABÁ

DEZEMBRO/87

Nº 03

EDITORIAL

É chegada a época onde as pessoas tornam-se mais humanas (tomara não estarmos iludidos, pois não foi defendida tese a respeito), e por um breve momento abrem os braços, descerram as palmas, e em posição rápida, mas fraternal extravasam um pouco da compaixão interior existente.

Casos otimistas estes, levando-se em conta as variáveis; outras religiões, tendências macabras e ideologias do gênero.

Mas, e por que não sermos otimistas? Há necessidade de em época natalina lembrarmos-nos das bestas-sociais e seus filhos adotivos: racismo, desnutrição, ignorância? Há necessidade de em época tão celeste lembrarmos-nos das feras-nucleares e seus filhos legítimos: cataclismos, megatons, radioatividades?

Sim, há, mas sem derruir o otimismo, porém fortalecê-lo ainda mais.

A Nave segue os desígnios de suas eras, das evoluções cibernéticas, das excentricidades e loucuras de alguns governantes internacionais, e estes sem fugir a regra seguem sua sina. Usam o pretexto de serem patrióticos, mas na realidade, o que querem é tornarem-se comparáveis em nome a vultos de nossa história mundial. Confúcius-petrolíferos, Da Vincis da informática, Jesus pós-modernos...

Vê? O otimismo surge de coisas inconcebíveis. Todo ápice está ligado intimamente a sua plataforma, sejam quais forem as circunstâncias e meios que estas ligações são feitas. A Estrela que anunciou a chegada do Menino, relute ainda hoje, em alguma parte do Universo o brilho que anuncia a partida do homem...



NESTA EDIÇÃO:

* ESTRÉIA *

Espaço Literário

- . -

Outras da Constituinte

- . -

Tu Sabias?

- . -

Espaço Zoológico

- . -

Espaço Botânico

- . -

Histórias da Mata

e outras.....

Os babaquais distribuídos sobre as zonas mais elevadas reluziam suas clorofilas tropicais ao serem soprados pelo vento. Isto visto em diagonal, do rio aos barrancos das margens, e após breve chuvisqueiro.

A simiosidade fluvial intermitente e os inumeráveis pedrais existentes neste caudal, tornava a viagem mais perigosa, emocionante, em certos trechos.

O viajante vindo pela primeira vez a estas paragens, abismava-se pelas novas paisagens nunca observadas à olho cru.

A fluência do grande Tocantins impulsionava a embarcação rumo a cidade de Marabá, como se estivesse preocupada com o horário. O céu apesar de cinzento em suas camadas mais superiores, era de infinito azul próximo aos raros exemplares das árvores no horizonte; eram dezoito horas.

Após cruzarem a ponte Rodo-Ferroviária, o forasteiro pouco cõheu para trás, pois estava cansado da Rio-Niterói, mas se impressionou demais com os reflexos da água e do sol poente sobre a cais de Marabá e Praia do Tucunaré. Comentou entusiasmado ao timoneiro:

- Pôxa, que praia reluzente, as areias devem ser de prata! E que porto colorido!

O piloto, largando o leme, bocejou longamente, desligou o motor do barco, e naquele silêncio rio-sol respondeu ao entusiasmado viajante:

- Moço, a praia daqui não tem areia de prata, mas muita lata, e o porto é colorido mesmo, o lá, tamos chegando...

Moral: Chegue em Marabá por terra ou ar, pois navegando verás o que é preciso.

(P.R. Crônicas Marabaenses)

"Quando era a natureza pura"

O rio Itacaiúnas (Taca'y'una), nasce nas Serras da Seringa e dos Gradaús de onde vem deslizando suas águas entre barrancos altos, encimados por grandiosas árvores que sustentam trepadeiras multicores, cipocais, lianas e lindas palmeiras onde as jandaias, maracanãs e periquitos alegremente bicam os frutos em meio a algazarras felizes e inocentes.

O rio da Castanha Preta que desce dos píncaros da serra, através de cascatas e cachoeiras de águas outrora límpidas e frescas, vem recolhendo novas torrentes, filetes e calhas dos açazais, onde proliferam jabutis, antas, guaribas, pacas e capivaras.

Quando o padre Manoel da Motta, percorreu o nosso Itacaiúnas em meados do século XVI, ele e os seus homens ficaram maravilhados com a ilha dos Pombos, que hoje é circundada pela Praia do Tucunaré, fronteiriça à foz do rio que estamos falando. Ali poderiam ser vistas centenas de milhares de tartarugas que cavavam os seus ninhos na areia para ali porem seus ovos, que poderiam ser apanhados também aos milhares. Nas árvores e palmeiras da ilha e das encostas vizinhas, notava-se a presença de milhares de pombos, que devem ter imigrado para outras paragens.

Os 555 quilômetros de sua extensão com suas águas, unidecem a ubérrima terra com um subsolo que guarda no seu regaço as maiores riquezas minerais do planeta. Os 42.000 km² da bacia do Itacaiúnas forma a fobia da ganância, da ambição humana.

Você, marabaense que conhece a ilha dos Pombos e a Praia do Tucunaré, que é um efeito geográfico aluvionário proveniente da Taca'y'una, leia, confirme ou desminta o artigo intitulado "Navegar é preciso".